

II.5. Modernità periferica e la tentazione dell'Europa

Testo 5.4 Matias Aires, [Sulla vanità degli uomini] *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* (1752), edição de Violeta Crespo Figueiredo e Jacinto do Prado Coelho, INCM, Lisboa, 2005, pp. 85; 122-124.

Matias Aires Ramos da Silva de Eça, nato a San Paolo del Brasile nel 1705 e morto con tutta probabilità a Lisbona nell'anno 1763, è considerato uno dei pensatori portoghesi più influenti del suo tempo. Dopo il ritorno a Lisbona e la frequentazione dell'Università di Coimbra, la biografia di Matias Aires è punteggiata di viaggi (Madrid, la Galizia, Parigi) e di studi che ne caratterizzano una formazione già di per sé enciclopedica (lo studio del diritto, delle scienze come la fisica e la chimica, la conoscenza della lingua ebraica). Pensatore incatalogabile, in quanto estraneo e partecipe al contempo del doppio movimento di idee che attraversa l'intellettualità portoghese, sospesa più che divisa fra la modernità esogena degli *-ismi* dell'Illuminismo (naturalismo, empirismo, scetticismo) e la perdurante tradizione «spiritualista» legata alla scolastica, Matias Aires è autore di un'opera originalissima – le *Riflessioni sulla vanità degli uomini* – in cui il tema della vanità, dalla chiara ascendenza biblica (*Ecclesiaste*) è trattato in termini laici e immanenti. La vanità è una passione non più volgarmente stigmatizzata o semplicemente ridotta allo statuto di vizio, ma letta come una natura stessa dell'uomo, essenza antropologica (amore di sé) e forza o impulso dell'anima, che nella misura in cui cresce nell'individuo, tanto più consola l'uomo nella fantasmagoria delle convenzioni della società. Nel brano selezionato, intessuto di una prosa elegante in cui riecheggia un barocco vivace ma misurato, la vanità è discussa, al di là della logica deduttiva e sperimentale dei moderni e del ragionar per sillogismi degli antichi, per provare l'irriducibile uguaglianza degli uomini dinnanzi alle passioni, alla Natura e al Tempo.

Nascem os homens iguais; um mesmo, e igual princípio os anima, os conserva, e também os debilita; e acaba. Somos organizados pela mesma forma, e por isso estamos sujeitos às mesmas paixões, e às mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a Aurora a todos desperta para o trabalho; o silêncio da noite anuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribui em anos, meses e horas, para todos se compõe do mesmo número de instantes. Essa transparente região a todos abraça; todos acham nos elementos um patrimônio comum, livre, e indefectível; todos respiram o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da água, e do fogo, a todos se comunicam. O mundo não foi feito mais em benefício de uns, que de outros, para todos é o mesmo; e para o uso dele todos têm igual direito, ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem da sua mesma instituição; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciais. Que cousa é a vida para todos mais do que um enleio de vaidades, e um giro sucessivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão, e o amor? [...]

As leis primitivas, que ainda antes de serem gravadas em mármore, e em tábuas, foram, e estão escritas, nos corações, essas são as primeiras, que segundo as contingências, para se não guardarem, se interpretam. Daqui vem que nascendo todos livres, a liberdade é contra quem os homens têm conspirado mais. As clausuras, que foram santamente instituídas, e praticadas prudentemente, depois não sei se vieram

a degenerar em um modo de tirar-se a liberdade aos homens, e às mulheres, e nestas veio a cair o rigor do excesso; não falo das que por desengano, e conhecimento próprio, buscam aquele estado de virtude, mas sim daquelas a quem se fez tomar aquele estado, ou por castigo do que fizeram, ou por castigo do que poderiam fazer; e com efeito o poderem algum tempo delinquir, já lhe serve de delito; nelas o mal futuro e incerto já se supõe presente; o poder algum dia suceder, vale o mesmo que o sucesso; a disposição para ser, é o mesmo que ter sido; a possibilidade é o mesmo que realidade; e desta sorte, aquele castigo chega primeiro que o pecado, e aquela pena vem primeiro do que a culpa; o suplício antecede o crime. Cruel cautela, vingança premeditada! A vaidade, e ciúme dos homens, parece que acusam as mulheres, ainda antes de nascerem; as mesmas partes são juízes; por isso logo vão prevenindo os cárceres, para donde destinam aquelas infelizes, e para donde as conduzem, antes que elas se conheçam, e poucos anos depois que nascem: assim devia ser, porque sempre foi propriedade da vítima o ser inocente, ali se vão acostumando aos ferros, à maneira de uma fera presa, que já não sente o peso da cadeia, antes com ela joga e se diverte, à proporção que a arrasta, e move. Prendem-se as feras, e também se prendem as mulheres; aquelas por causa da braveza, estas por causa da mansidão; aquelas porque se enfurecem, estas porque se enternecem; aquelas porque assustam, estas porque agradam; umas porque é necessário fugir delas, outras porque é necessário que elas fujam, e finalmente umas porque matam, e outras porque dão vida. A prisão, com pouca diferença é a mesma, os motivos são contrários. Do fundo de um deserto inculto se vão desentranhar as feras; prendem-se para que não façam mal; este é o pretexto, porém a verdade é que se prendem as feras, para que sirvam de recreio, e também de lisonja à vaidade em ver sujeito por indústria, e arte, aquilo que se não sujeita por força, nem vontade. As mulheres que foram enca-minhadas para os claustros, é para que sigam neles o exercício das virtudes; este é o pretexto, porém a verdade comumente é para que as mulheres não se inclinem, nem amem desigualmente. O interesse é da vaidade; por isso as mulheres, que se oferecem a Deus por aquele modo, não se oferecem mais do que à vaidade. São, como oblações de engano, que sendo a aparência uma, o objeto é outro; e são como o incenso, que se faz arder em uma parte, para que o ar divirta o fumo para outra. Imaginam os homens, que hão de enganar a Deus, e para isso, entram primeiro a enganar-se a si, começam a querer persuadir-se que obram bem, e se a consciência os contradiz, e inquieta, para a sufocar não faltam opiniões, doutrinas e conselhos; tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circunstâncias, fiquem parecendo lícitas a impiedade, a transgressão e a violência. A regra de que um mal é permitido para evitar-se outro maior, temos homens estendido, e utilizado tanto, que de ilação em ilação vêm a chegar ao ponto, que não há mal por maior que seja, que não seja tolerável; e a da mesma sorte de consequência em consequência vêm a concluir, que não há iniquidade que não seja às vezes necessária, nem injustiça, que não seja justa. Prendam-se pois as mulheres para que se evite o mal de que elas amem; sejam conduzidas por força para os claustros, para que não suceda que as amemos nós; saiam do berço para aquelas sepulturas, porque pode haver perigo na demora; e assim conheçam a morte, antes de conhecerem a vida; e saibam como é a prisão, antes de saberem como é a liberdade.

Nascono gli uomini uguali, un medesimo e uguale principio li anima, li conserva e anche li debilita e li fa morire. Siamo fatti dalla stessa forma e per questo siamo soggetti alle stesse passioni, e alle stesse vanità. Per tutti nasce il sole, l'Aurora tutti sveglia per il lavo-

ro; il silenzio della notte annuncia a tutti il riposo. Il tempo che impercettibilmente corre e si distribuisce in anni, mesi e ore, per tutti si compone dello stesso numero di istanti. Questa regione trasparente tutti abbraccia; tutti trovano negli elementi un patrimonio comune, libero e perdurevole; tutti respirano l'aria; tutti sono nutriti dalla terra; le qualità dell'acqua e del fuoco, a tutti si comunicano. Il mondo non è stato fatto a beneficio di alcuni rispetto ad altri: per tutti è lo stesso; e il suo uso è un diritto uguale per tutti, sia per l'ordine della sua natura, sia per l'ordine della sua stessa istituzione; tutti incontriamo nel mondo le stesse parti essenziali. Che cos'è la vita per tutti se non un intreccio di vanità e un continuo circolo tra il piacere, il dolore, la tristezza, l'avversione e l'amore? [...]

Le leggi primitive, che prima ancora di essere scolpite nel marmo e sulle tavole, furono e sono scritte nei cuori, sono le prime che secondo le contingenze, per non osservarle, si interpretano. Da qui deriva il fatto che, nascendo tutti liberi, è la libertà quella contro cui gli uomini hanno cospirato di più. Le clausure, che sono state santamente istituite e prudentemente praticate, successivamente non so se degenerarono in modo da togliere la libertà agli uomini e alle donne, e su queste cadde il rigore dell'eccesso. Non parlo di quelle che per onestà e giusta conoscenza, cercano quello stato di virtù, ma di quelle a cui è stato fatto prendere quello stato o per castigo per quello che avevano fatto o per castigo di quello che avrebbero potuto fare; e infatti, il potere una qualche volta di delinquere, viene già considerato un delitto; in loro il male futuro e incerto già si suppone presente; il potere un qualche giorno di succedere vale lo stesso come se fosse successo; la disposizione ad essere è la stessa cosa di essere state; la possibilità è la stessa cosa che la realtà; e in questo modo quel castigo arriva prima del peccato e quella pena viene prima della colpa; il supplizio anticipa il delitto. Crudele cautela, vendetta premeditata! La vanità e la gelosia degli uomini sembra che accusino le donne, ancor prima di nascere; le stesse parti sono giudici; per questo subito vanno sistemando le carceri, dove destinano quelle infelici e dove le conducono prima che si conoscano e pochi anni dopo esser nate: così doveva essere, perché è sempre stata caratteristica della vittima l'essere innocente; lì si abituano ai ferri, come una fiera catturata, che ormai non sente il peso della catena, piuttosto con questa gioca e si diverte, mano a mano che la trascina e muove. Si catturano le fiere e così si catturano anche le donne; quelle a causa della ferocia, queste a causa della mansuetudine; quelle perché si infuriano, queste perché si inteneriscono; quelle perché impauriscono, queste perché piacciono; le une perché è necessario fuggire da loro, le altre perché è necessario che fuggano; e infine le une perché uccidono e le altre perché danno la vita. La prigioniera, con poca differenza, è la stessa, i motivi sono opposti. Dal fondo di un deserto incolto si vanno a scovare le fiere; le si catturano perché non facciano male, questo è il pretesto, eppure la verità è che si catturano le fiere perché servano di divertimento e anche come lusinga alla vanità di vedere assoggettato con ingegno e arte, quello che non si assoggetta con la forza, né con la volontà. Le donne che sono state indirizzate ai conventi è perché seguano in questi l'esercizio delle virtù; questo è il pretesto, ma la comune verità è perché le donne non si pieghino [al male], né amino squilibratamente. L'interesse è della vanità; per questo le donne che si offrono a Dio in quel modo, non si offrono se non alla vanità. Sono come ingannevoli offerte, all'apparenza una cosa, ma in realtà un'altra; e sono come l'incenso che si fa bruciare da una parte, perché l'aria diriga il fumo da un'altra. Immaginano gli uomini che devono ingannare Dio e per questo cominciano prima a ingannare se stessi; cominciano a voler persuadersi che operano bene e, se la coscienza li contraddice e inquieta, per zittirla non mancano opinioni, dottrine e consigli; tutto per far in modo che, esposto il caso rivestito di certe circostanze, sembrino leciti l'empietà, la trasgressione e la violenza. La regola per cui un male è permesso per evitarne un altro maggiore, gli uomini l'hanno estesa e con tante sottigliezze che di illazione in illazione arrivano al punto che non c'è male, per maggiore che sia, che non sia tollerabile; e,

nello stesso modo, di conseguenza in conseguenza, arrivano a concludere che non c'è iniquità che non sia alle volte necessaria, né ingiustizia che non sia giusta. Si catturino dunque le donne per evitare il male che loro amino; siano condotte a forza nei conventi, perché non succeda che siamo noi ad amarle; escano dalla culla per quelle tombe, perché ci può essere pericolo se si perde tempo; e così conoscano la morte, prima di conoscere la vita; e conoscano com'è la prigione, prima di conoscere com'è la libertà.